

Nova origem para óleo das praias

Litoral baiano Análise indica que manchas recentes têm fonte diferente das anteriores

Marcos Felipe Soares

REPORTAGEM

marcos.nascimento@redebahia.com.br

A novela das manchas de óleo encontradas no litoral brasileiro ganhou mais um capítulo. Desde o fim do mês passado, o reaparecimento desse resíduo tem sido observado em praias do Nordeste. Em Salvador, os primeiros fragmentos foram identificados pela Empresa de Limpeza Urbana do município (Limpurb) no dia 26, em Jaguaribe, Piauí, Farol de Itapuã, Stella Maris e Praia do Flamengo. Nos dias 1º e 2, outros fragmentos foram encontrados na Boca do Rio e na Pituba. De lá pra cá, a Limpurb coletou, ao todo, cerca de 26 quilos do material. Inicialmente, autoridades acreditavam se tratar do mesmo óleo derramado em 2019, mas análises químicas divulgadas pelo Ministério da Ciência, Tecnologia e Inovações, na sexta-feira (dia 9), indicam a ocorrência de um novo evento.

Uma nota técnica assinada, também, pela Marinha, pelo Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e dos Recursos Naturais Renováveis (Ibama) e por universidades traz que "a

hipótese mais provável aponta para um incidente envolvendo petróleo cru, proveniente do descarte de água oleosa lançada ao mar após a lavagem de tanques de navio petroleiro em alto mar". Ainda segundo a nota, os biomarcadores, ou indicadores de origem, sugerem que o petróleo tenha sido produzido no Golfo do México, conclusão obtida por meio da análise de amostras coletadas, especificamente, nas praias de Boa Viagem, Paiva e Quartel, em Pernambuco, e de Ondina, na capital baiana.

Outras coletas foram feitas nas praias de Casa Caiada, Cupe, Catuama, Maria Fariinha, Rio Doce, Bairro Novo e Milagres, em Pernambuco; Pitimbu e Jacarapé, na Paraíba; e Carro Quebrado, em Alagoas.

O documento ainda informa que as pelotas de óleo ficaram à deriva no oceano durante mais de duas semanas antes de terem encalhado na praia, já que, em algumas delas, foram encontradas crostas formadas por organismos conhecidos como 'cracas' (crustáceos) e cuja espécie vive em águas abertas.

O Instituto de Geociências da Ufba (Igeo) analisou as amostras coletadas nas praias



Algumas amostras coletadas têm origem em evento ocorrido em 2019, mas outras são mais recentes

de Ondina e Itapuã, em Salvador, e de Itacimirim, em Camaçari, na região metropolitana. Diferentemente da primeira, as duas últimas continham material similar

“A hipótese mais provável aponta para [...] descarte de água oleosa lançada ao mar após a lavagem de tanques de navio” trecho de nota técnica

àquele já visto antes.

Sobre as duas últimas amostras, o resultado não significa que houve um novo derramamento do mesmo óleo daquele incidente de 2019, e sim a existência de resíduos do material, que continuou nas areias das praias ou fixado em rochas e recifes de coral próximos ao litoral, os quais se desprenderam devido à ação de ventos fortes e de ressacas, que, normalmente, acontecem na região durante essa época do ano.

Já a respeito da primeira amostra, como consta na nota técnica, ela se parece com

as de praias pernambucanas e tem características semelhantes às de petróleo produzido no Golfo do México.

“Além disso, a amostra da praia de Ondina nos parece [aos pesquisadores] se tratar de óleo resultante de lavagem de tanques de navio petroleiro, uma vez que se sabe que, nas paredes dos tanques dos navios petroleiros, podem ficar resíduos de parafinas pesadas, as quais devem ser retiradas periodicamente, após o descarregamento, através de lavagens com uso de detergentes ou dispersantes”, traz a nota técnica.

Lavagem de tanques de embarcações é ponto crítico

Financiado pelo Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) e pela Marinha, o projeto de pesquisa intitulado ‘Rede Cooperativa de Desenvolvimento de Protocolos para Avaliação de Zonas Costeiras Impactadas por Derramamento de Óleo e Aplicação de Biotecnologias para Remediação (Rebi-cop)’ atua nessa temática de pesquisa desde 2019.

Segundo a professora e coordenadora de Pesquisa, Olívia Oliveira, que lidera o projeto com o professor Antônio Fernando Queiroz, embora tenha sido encontrado em menores proporções, o novo óleo também causa preocupação.

“Em qualquer quantidade, um derrame de óleo preocupa uma comunidade/sociedade. Mesmo em menor quantidade que o de 2019, trata-se de impacto ambiental, além de não saber exatamente se mais material pode chegar à costa”, comenta a pesquisadora.

A afirmação é reiterada

pelo diretor do Instituto de Biologia da Ufba (Ibio), Francisco Kelmo. De acordo com ele, os impactos desse novo evento são os mesmos para os animais marinhos.

“O contato direto com o óleo ou a ingestão acidental pelos invertebrados coloca em risco a vida desses organismos, contribuindo para a perda de biodiversidade e o desequilíbrio na teia alimentar”, explica Kelmo, que prossegue: “Felizmente, esse material foi encontrado em pequena quantidade no nosso litoral e, até o momento, nenhum impacto significativo foi registrado”.

O especialista, que esteve, há três anos, à frente da investigação sobre os impactos biológicos das manchas de óleo, diz que, ainda que a lavagem de tanques dos navios petroleiros seja necessária, o lançamento de resíduos no mar deve ser sempre evitado.

“O ideal é que toda a água de lastro e os resíduos das lavagens dos tanques sejam retidos a bordo e transferi-

dos para instalações de recepção, para que tenham um destino apropriado, evitando danos ao meio ambiente”, detalha Francisco Kelmo. Ainda segundo o professor: “A descarga desse tipo de material no mar só deve ser realizada quando for para garantir a segurança da embarcação ou salvar vidas humanas, contudo existem protocolos estabelecidos para que tal procedimento possa acontecer”.

VIGILÂNCIA

A nota técnica do Ministério da Ciência, Tecnologia e Inovações, Marinha, Ibama e universidades aprofunda em suas considerações a respeito dos derramamentos de óleo no mar, vistos como um problema de expressiva complexidade, “cujo enfrentamento requer vigilância e esforços constantes, os quais vêm sendo continuamente empreendidos pela comunidade científica brasileira, em distintos laboratórios do País, juntamente com os órgãos governamentais envol-

vidos com o tema”.

Procurados para prestarem maiores esclarecimentos para além da nota técnica, nem a Marinha nem o Ibama deram retorno à reportagem até o fechamento desta matéria.

Os primeiros vestígios de petróleo cru, que deram início a toda essa novela, foram identificados em 30 de agosto de 2019. Naquela ocasião, os resquícios foram encontrados e recolhidos em praias dos municípios de Conde e Pitimbu, no estado da Paraíba. O óleo chegou à Bahia em outubro daquele ano, por Mangue Seco, cidade ao norte do estado, e atingiu as praias de Salvador no dia 10 daquele mesmo mês.

Até fevereiro de 2020, conforme o próprio Ibama, por conta daquele derrame, mais de 459 mil toneladas do material foram removidas de praias baianas, sendo 14 delas localizadas na capital, de onde foi retirada uma quantidade superior a 139 mil toneladas, segundo a Limpurb.

O QUE FAZER AO SE DEPARAR COM O ÓLEO

● **PESQUISADOR DA UFBA, O BIÓLOGO FRANCISCO KELMO DÁ ORIENTAÇÕES DE COMO PROCEDER CASO ENCONTRE OU TENHA CONTATO COM O PRODUTO:**

● **1**

Caso as encontre, acione alguma das autoridades competentes para lidar com a situação, como a Limpurb, que pode ser acionada pelo telefone 156. Reporte o caso, para que se faça a remoção do resíduo identificado com a devida segurança, utilizando-se de equipamentos adequados;

● **2**

Caso tenha contato direto com o petróleo cru ou seus derivados, primeiramente remova o material do corpo e depois lave a área do contato com água e sabão. Se ainda assim permanecer resquícios do resíduo na pele, faça uso de algum óleo mineral para proceder a limpeza ou, até mesmo, utilize óleo de cozinha.